

Para citar esse documento:

OZÓRIO, Caroline Lopes; PARÁ, Tatiana de Britto Pontes Rodrigues. Do corpo individual ao corpo coletivo: somática pra quem?. *Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual*. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 1228-1241.

**Anda**  
[www.portalanda.org.br](http://www.portalanda.org.br)

## Do corpo individual ao corpo coletivo: somática pra quem?

Caroline Lopes Ozório (UFRJ)

Tatiana de Britto Pontes Rodrigues Pará (UFRJ)

Corpo e política: implicações em modos de aglutinação e criação em dança

**Resumo:** Enquanto educadoras do movimento e artistas da cena, como corpos em solo brasileiro que estamos e diante das urgências políticas contemporâneas feministas e decoloniais, nos movemos refletindo sobre como a experiência somática pode expandir a reverberação do campo individual e subjetivo para o campo coletivo. Percebemos também a importância de ressignificarmos e endereçarmos questões sobre liberdade, cuidado e saúde do corpo pela perspectiva dos feminismos enquanto atitude consciente político-somática. É preciso reforçar enquanto demanda do saber somático a atenção sobre forças opressoras contra as corporeidades da mulher e questionar como restituir politicamente as autoridades internas (FORTIN, 2018) diante dos saques do patriarcado, termo discutido por Federici (2017). Como os processos de desenvolvimento de uma escuta sensível e de um refinamento perceptivo podem criar mecanismos de atuação no tecido social e político? A partir de uma aprendizagem do saber-sentir, é possível reverberar o campo de atuação do cuidado de si para uma ação no mundo? Nos preocupamos em como desmistificar as somáticas como práticas de ensimesmamento e como alinhar as relações entre o cuidado de si e os posicionamentos performativos, estéticos e políticos do corpo por atitudes micropolíticas, revolucionárias, feministas e decoloniais.

**Palavras-chave:** EDUCAÇÃO SOMÁTICA. CORPO COLETIVO. POLÍTICA DO SENSÍVEL. FEMINISMOS.

**Abstract:** As movement educators and artists of the scene, as corps on Brazilian soil and facing contemporary feminist and decolonial political urgencies, we move by reflecting on how somatic experience can expand the reverberation from the individual and subjective field to the collective field. We also realized the importance of re-signifying and addressing issues about freedom, care and health of the body from the perspective of feminisms as a conscious political-somatic attitude. It is necessary to reinforce, as a demand of somatic knowledge, the attention to oppressive forces against women's corporeality and to question how to politically restore the internal authorities (FORTIN, 2018) in the face of the looting of patriarchy, a term discussed by Federici (2017). How can the development processes of sensitive listening and perceptible refinement create mechanisms for action in the social and political contexture? Based on the learning of knowing how to feel, is it possible to expand the action of taking care of oneself to an action in the world? We are concerned with how to demystify somatics as practices of self-absorption and how to tack together the relationships between self-care and performative, aesthetic and political positions of the body by micropolitical, revolutionary, feminist and decolonial attitudes.

**Keywords:** SOMATIC EDUCATION. COLLECTIVE BODY. SENSITIVE POLICY. FEMINISM.

Este texto emerge dos diálogos teóricos desenvolvidos durante a disciplina “Corpo, Dança e Cultura” do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFRJ (PPGDan/UFRJ) em que compartilhamos experiências de práticas e questionamentos enquanto educadoras do movimento e artistas da cena. Num intuito de pensar junto e unir forças reflexivas sobre a ação do corpo em movimento, ressignificando o cuidado somático do indivíduo para ação no mundo, seguiremos esta escrita a partir dos estudos de autoras das áreas de somática, corpo, movimento e feminismo e nossos próprios compartilhamentos de experiências laborais. Selecionamos algumas dessas falas a serem dispostas graficamente em fonte *itálico* numa costura não linear com o texto. Abraçamos e dialogamos com teorias das mulheres propositoras Jill Green, Ciane Fernandes, Sylvie Fortin, Suely Rolnik, Silvia Federici, Hélia Borges, Catarina Resende, Patrícia Caetano e Ruth Torralba. A leitura do livro “Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva” (FEDERICI, 2017) e textos compartilhados entre nós sobre micropolítica, somática, teoria social somática e corpo performático despertaram esta escrita.

Um dos pontos cruciais que nos move na escrita deste texto é a reflexão sobre como a experiência somática pode se expandir do campo individual e subjetivo para o campo coletivo. A partir de uma aprendizagem do saber-sentir, é possível reverberar o campo de atuação do cuidado de si para uma ação no mundo? Pelos processos de desenvolvimento de uma escuta sensível e de um refinamento perceptivo, é possível criar mecanismos de atuação no tecido social?

Observamos também limites e possibilidades do campo somático diante das urgências políticas contemporâneas, como *corpas*<sup>1</sup> em solo brasileiro que estamos. Percebemos a importância de ressignificarmos e endereçarmos questões sobre liberdade, cuidado e saúde do corpo pela perspectiva dos feminismos enquanto atitude consciente político-somática. Nos questionamos o quanto a experiência somática, tanto vinculada à cena quanto à educação e saúde corporal, pode ser uma prática em prol da descolonização desmanteladora de poderes

<sup>1</sup> O uso do termo “corpa” e toda modificação com “a”(gênero feminino) e “e” neste texto seguem no intuito, ainda singelo, de “desconstruir a linguagem androcêntrica e ressignificar substantivos e adjetivos para o gênero feminino e/ou não binário” (ANZINO, 2020, p.32).

reacionários e mecanicistas, colonizadores e patriarcais. Nos preocupamos em pensar de que forma ela pode se apresentar micropoliticamente<sup>2</sup> enquanto ação no mundo.

### **Individualismos ou individualidade? Eu, outro, nós?**

O discurso uníssono e dominante no campo das somáticas prioriza o conceito de corpo vivido como experiência em oposição ao corpo objetificado, compartimentalizado e dissociado de mente e espírito. Por sua vez, na sociedade contemporânea ocidental colonialista, capitalista e antropofalocêntrica, a experiência é reforçada enquanto acontecimento exclusivamente individual, vivido na primeira pessoa. Esse reforço nos apresenta um ruído às urgências revolucionárias decoloniais, feministas, poéticas e estético-relacionais: o potencial problema do individualismo.

As artistas-pesquisadoras Catarina Resende, Patrícia Caetano e Ruth Torralba (2018) levantam questões sobre a relação entre as práticas somáticas e a construção de um corpo-campo-coletivo, dando relatos sobre a vivência da “Caminha Somática por Marielle(s)”. O estudo propõe desmistificar as somáticas como práticas de “ensimesmamento” e a ideia de corpo “autossentiente” e “automovente”.

O corpo entendido desde a perspectiva somática é aquele que se experimenta ao mesmo tempo em que experimenta o mundo, ou experimenta o mundo ao mesmo tempo em que se experimenta. No encontro com o mundo, o soma é o corpo inacabado, processual e relacional, que se cria na experiência, ao mesmo tempo em que cria um mundo possível. Dentro desta perspectiva, mundo e corpo são realidades que somente existem por coengendramento (RESENDE, CAETANO e TORRALBA, 2018, p. 121).

*Eu-corpo, na caminhada coletiva que percorria a Cinelândia um dia após seu assassinato, sentia vibrações de desespero, angústia, fraqueza, frustração, impotência, incompreensão, confusão, medo, alerta ao perigo e violência. Depois, na “Caminhada somática por marielle(s)”, sentindo nas vibrações da pele, corpos e*

<sup>2</sup> Seguiremos a teoria de micropolítica a partir dos estudos de Felix Guatarri e Suely Rolnik que propõe pensarmos como reproduzimos, ou não, modos de subjetivação dominantes, reacionários ou revolucionários. Como sujeitos imersos na perspectiva somática, seguimos a “potência do vivo e daquilo que se realiza num incessante processo de construção da realidade” (ROLNIK, 2016, p. 16) buscando modos revolucionários pela micropolítica. Salientamos a potência dos estudos sobre micropolítica desenvolvidos por Suely Rolnik (GUATARRI & ROLNIK, 2011; ROLNIK, 2016), bem vindos ao pensamento somático enquanto proposições filosóficas e políticas para/do/pelo corpo.

*seios presentes da Praça Mauá à Pedra do Sal - espaços que gritam visibilidade decolonial - orientamos a energia da revolta à materialização de acolhimento da dor do luto e a um grito liberto e ativo, de imposição da vida que deve ser vivida. Existiu ali a imposição de que uma Marielle silenciada reverbera no mínimo dezenas de gritos de revolta, sonoros ou não, em resposta. Esse espaço da rua, antes sentido perigoso e opressor, se tornou poético e ativo, pela ação simples de estarmos unidas e atentas. Protesto e protesto somático. Um não invalida o outro. Enquanto abraçávamos a dor, alimentávamos a luta: não nos calarão (Carol).*

Essas três artistas-pesquisadoras discutem a importante hipótese das práticas somáticas se tornarem propositoras de uma *política do sensível*, compreendendo a experiência do soma<sup>3</sup> para além dessa percepção em primeira pessoa.

O conflito entre experiência individual e pensamento político no campo coletivo também aflige Jill Green (2019), professora e pesquisadora do Departamento de Dança da Universidade da Carolina do Norte, propositora da Teoria Social Somática. Green (2019) demonstrou interesse em investigar a perspectiva somática para além da experiência individual, considerando a dissolução de dicotomias constantemente reproduzidas no pensamento ocidental como as relações corpo-mente e sujeito-mundo. Assim, a teoria pretende negociar a relação entre as experiências subjetivas e o contexto sócio-cultural e propor o diálogo transdisciplinar entre o campo da somática e algumas teorias filosóficas pós-modernas<sup>4</sup> sobre corpo.

A partir dessa perspectiva, a cultura ocidental cria o mito de uma separação corpo/mente. (...)Através de uma normalização sobre como os corpos deveriam ser e agir, a cultura dominante mantém o controle à medida que as pessoas abandonam sua autoridade corporal. Deveríamos dizer que essa teoria pode ser usada de maneira afirmativa, à medida que as pessoas são capazes de um maior agenciamento, pois o corpo é usado como resistência às normas culturais (GREEN, 2019, p. 28).

<sup>3</sup> O conceito de soma pode compreender o corpo do ponto de vista relacional em suas mais variadas dimensões: físicas, afetivas, cognitivas, sociais, culturais e espirituais. Segundo Thomas Hanna, que o conceitua no artigo “The Field of Somatics”, “soma” se configura como corpo vivido e experienciado em primeira pessoa, constituindo o indivíduo integralmente (HANNA, 1976).

<sup>4</sup> “O pós-modernismo questiona a teoria do conhecimento, o individualismo, a essência, a experiência, a verdade e até a ideia de holismo. Ele aponta para um pluralismo de verdades e reconhece a diferença e a fragmentação; investiga verdades parciais e revela “as grandes narrativas” escritas por uma autoridade política dominante” (GREEN, 2019, p.27).

Essa maior capacidade de agenciamento nos interessa como movimentos de transgressão, rupturas e revoluções culturais contra ordens impostas, cristalizadas e opressoras, olhares a partir de uma escuta sensível e de uma atitude revisional e criadora macro e micropolítica, estimuladas pelas práticas somáticas. Olhar para dentro não deve estar dissociado do olhar para fora. Aprender a reconhecer essa relação entre dentro e fora, entre sensação e experiência do corpo num mundo constituído por relações estruturadas em discursos dominadores e opressores no nível macro, é apenas um dos passos que imaginamos ser uma perspectiva de ações micropolíticas.

Sylvie Fortin (apud HUSQUINET, 2018), discute como a aprendizagem de corpo em movimento pode contribuir para o processo de desenvolvimento de uma *autoridade interna*<sup>5</sup>, ou *somática*, impelindo o indivíduo para agir no mundo na medida que ultrapassa barreiras de corpo objetificado e submetido aos discursos dominantes. Assim, as práticas somáticas seriam mais uma forma de resistência às tecnologias de dominação dos corpos.

Tanto Fortin (2018), quanto Green (2018), comentam sobre como os poderes disciplinadores sobre corpos favorecem a manutenção do sistema exploratório do trabalho capitalista, desconectando sensorialmente indivíduo de sua corporeidade, se enfraquecendo somaticamente e se tornando mais suscetível a forças de dominação, exploração e opressão.

### **Forças opressoras: um problema para o feminismo, um problema para a somática**

É importante questionarmos as origens e construções históricas das forças de dominação, exploração e opressão que atuam nesse corpo que cuidamos, e que cuida de si e de outre. A partir das reflexões de Federici (2017) nos é revelado como a manipulação dos discursos de corpo e da vida impactam sobre corpos-mulheres, cis e trans, e suas corporeidades. E nos indagamos como a somática pode se engajar politicamente em ações revolucionárias feministas.

<sup>5</sup> O termo *autoridade interna* refere-se a uma conexão sensorial do indivíduo consigo mesmo, como a capacidade de confiar nas próprias percepções e liberar-se de padrões inconscientes (FORTIN apud HUSQUINET, 2018).

De acordo com Foucault (apud FEDERICI, 2017), a filosofia mecanicista<sup>6</sup> reduziu corpo em ferramenta, permitindo que pudesse ser manipulável. A mecanização dos corpos, segundo o filósofo, pretendia de certa forma, ao excluir os saberes autônomos das mulheres, controlar e reprimir desejos, emoções e outras formas de comportamento e fazer inteligível a possibilidade de subordiná-los a um processo de trabalho que dependia cada vez mais de uma uniformização comportamental (FEDERICI, 2017). A opressão de suas expressividades e autonomias castrava suas identidades e forças criativas.

Federici (2017) faz um apanhado histórico sobre o desenvolvimento do sistema capitalista, que se deu a partir desse processo de politização da sexualidade. No contexto de acumulação do capital, a existência-mulher era (e ainda é) incompatível com a disciplina do trabalho capitalista. A exigência de controle social era necessária para cumprir os mecanismos do patriarcado. Federici (2017) nos ilustra como, e quanto, foram necessários ao patriarcado, o saque e a exploração sobre vidas, corpos, direito à fala, escuta e ação das mulheres; deslegitimando seus conhecimentos e valores, desautorizando suas pulsões e seus modos de organização da corporeidade e identidades enquanto individuais e cidadãs.

Esse percurso histórico nos alerta sobre a importância de restituição das corporeidades da mulher, percebendo e retomando suas “autoridades internas”.

Uma vez que seus mecanismos foram desconstruídos e ele próprio foi reduzido a uma ferramenta, o corpo pôde ser aberto à manipulação infinita de seus poderes e de suas possibilidades. Fez-se possível investigar os vícios e os limites da imaginação, as virtudes do hábito e os usos do medo, como certas paixões podem ser evitadas ou neutralizadas e como podem ser utilizadas de forma mais racional. Neste sentido, a filosofia mecanicista contribuiu para incrementar o controle da classe dominante sobre o mundo natural, o que constitui o primeiro passo — e também o mais importante — no controle sobre a natureza humana (FEDERICI, 2017, p. 253).

Este corpo-máquina padronizado e uniforme passou então a ser aplicado como modelo de comportamento social. O controle dos corpos exercido pelo Estado estendeu-se sobretudo ao corpo feminino, como por exemplo, na condenação do aborto e da contracepção e domínio dos saberes e cuidados sobre a reprodução,

<sup>6</sup> Um dos principais representantes da filosofia mecanicista foi René Descartes. Influenciado pelo contexto da época, Descartes comparou o corpo humano a uma máquina. A fragmentação e o conceito de mecanização dos corpos vinham atender plenamente à necessidade de um corpo útil e regulado que sustentasse com sua força de trabalho o sistema capitalista (FEDERICI, 2017).

reduzindo o útero a uma máquina para a reprodução do trabalho (FEDERICI, 2017, p. 262), forçosamente alienado de si. Podemos observar que as fogueiras contemporâneas seguem ardendo em pleno século XXI a partir da herança colonizadora, sobretudo no contexto brasileiro, que nos interessa nesse momento.

*O controle dos corpos segue fortemente presente através de discursos opressores e fascistas do governo que assumiu o poder no país nas eleições de 2018. Me surpreendeu o fato de alguns professores de métodos somáticos e do cuidado de vidas, serem apoiadores de um governo fascista e autoritário. Essa incoerência me chamou atenção sobretudo durante a pandemia, momento crítico que exacerbou a dicotomia entre políticas de vida e políticas de morte. Como pode alguém, defensor de práticas de cuidado de si e do corpo como via de transformação, apoiar políticas de morte? (Tati).*

Dessas incoerências surge interesse, insistência e urgência em investigar e promover o quanto, e como, a experiência somática pode ser uma prática descolonizadora, *revolucionária*<sup>7</sup>, e se desenvolver com e como ação micropolítica.

Sylvie Fortin (2018) relata sua experiência como pesquisadora engajada no trabalho com mulheres que desenvolvem transtornos alimentares. Segundo a autora, a maneira como estas mulheres percebem seus corpos estrutura-se a partir de discursos sociais dominantes que se apresentam de diferentes maneiras: pelos valores familiares, pelas referências midiáticas, por práticas corporais, etc. Ela acrescenta ainda que estes discursos são integrados por uma pessoa como resultado de sua trajetória individual dentro de um sistema social: “A adesão, por vezes inconsciente, a determinados discursos, não deixa de constituir um referencial para a leitura e uma forma de estar no mundo<sup>8</sup>” (FORTIN, 2018, p. 3). Estes discursos que pregam na maioria das vezes determinados padrões corporais e também normas de como os corpos devem se comportar em determinada sociedade, acabam sendo interiorizados de forma inconsciente e alienam e individúe de seu poder de agir, de sua colocação no mundo enquanto ser político.

Mais uma vez a dicotomização do corpo herdada da filosofia mecanicista originária do período de fundação do sistema capitalista promove uma dissociação entre discurso e prática e entre indivíduo e sociedade.

<sup>7</sup>A partir do conceito de libido revolucionária de Gilles Deleuze e Félix Guattari em “O Anti-Édipo” (1972).

<sup>8</sup>L’adhésion, parfois inconsciente à certains discours, n’en constitue pas moins une grille de lecture et une manière d’être au monde (FORTIN, 2018, p. 3).

*Há mais de três anos venho desenvolvendo o cuidado de um aluno trans-homem que me proporcionou pensar esse cuidado de si em conexão com o mundo e da importância do olhar da saúde para o corpo-político. Temos passado das dores às forças. É um processo poderoso, por vezes doloroso, mas potencializador da sua própria autonomia de se sentir que se é, liberto das amarras e couraças<sup>9</sup>. Cuidando das feridas e ressemantizando nossos discursos internos sobre corpo, vindos das forças culturais opressoras, visibilizando e dando lugar devido de luto e luta às violências sofridas pelos atos fascistas e de manipulação sobre si-mundo. Ressignificar o saber que se é e que se pode a partir de uma relação conectada consigo e com o mundo, discernindo forças opressoras e potencializando ações “cristalinas” (FERNANDES, 2018) do movimento pela e para a vida (Carol).*

As práticas somáticas são propositivas e não impositivas. Considerando-se que a apropriação de autoridade interna e o despojamento de discursos dominantes são aspectos imbricados nos processos de autoconhecimento a partir do despertar sensorial, então qual seria o papel do educador somático?

E como pensar a mobilização micropolítica e revolucionária dos movimentos artísticos performáticos e cênicos?

### **Somática e corpo performático: responsabilidades micropolíticas das artes**

Ao refletirmos sobre os discursos hegemônicos, historicamente opressores, sobre corpos-mulheres, percebemos possibilidades de inspiração (literal e figurativa) pelo/no movimento somático enquanto ações micropolíticas. Tanto na clínica quanto no corpo performático e nas experiências estéticas das artes criadoras de movimento, reconhecemos os impactos da: educação da (re)sensibilização das autoridades e autonomias internas, perante a ideia de corpo-máquina objetificado; dessensibilização dos traumas e fortalecimentos da capacidade de luta pelos direitos, devido ao histórico do corpo saqueado e violentado; libertação dos sentidos e expressões que habitam essas corpos, diante

<sup>9</sup> Conceito de William Reich: “a couraça é mencionada pela primeira vez em 1922, no artigo “Dois tipos narcisistas”, para indicar uma defesa associada ao quadro das neuroses de caráter; a princípio, ela é concebida na esfera psíquica, mas, gradativamente, passa a ser considerada também no âmbito somático; destinada a exercer função protetora, a couraça constitui algo natural e inevitável, porém essa estrutura pode chegar a comprometer o contato com o meio interno e externo, além de afetar a regulação libidinal do sujeito” (ALMEIDA & ALBERTINI, 2014, p.1).

de manipulação, silenciamento, julgamento, enfraquecimento e invisibilização forçosas.

Sentimos que na experiência do movimento, do gesto e na performatividade somática, há uma mobilização enquanto construção de gente, de humanidade<sup>10</sup>; enquanto ação micropolítica revolucionária. Fazemos um apontamento sobre a importância política do movimento sensível, a fim de evitar a repetição do silenciamento da sabedoria do corpo e do movimento, de encontrar o papel dos estudos do movimento enquanto pensamento político e de buscar modos de fazer corpo falar nesta sociedade *cefalomaníaca*, com seus vícios intelectuais da mente *despoetizada*. Entre afetação, relação e conexão público-artistas, artista-artista, de si para dentro/de si para fora, experimentamos e criamos sentidos individuais-coletivos, ressemantizamos experiências e criamos novos mundos pelos/nos processos criativos — não por acaso, o controle da arte e da liberdade do corpo são almejados por personagens fascistas. Seguimos a tatear, auto observar e criar responsabilidades diante do que impede potencialidades de direito à vida, à expressão e às autonomias das construções das corporeidades, enquanto seres no mundo, em relação com outres, humanos ou não e por uma perspectiva de corpo cuidado, ativo e sensível. Para tal, encarar as vozes/gestos/textos subliminares ecoados pelos preconceitos, discriminações, intolerâncias e violências através das ressemantizações de vida pelo corpo. Essas vozes são sócio-corporais, como capacitismo e gordofobia, são contra gênero, raça, classe, idade, vida inanimada e não humana. O movimento cênico, em criação, produção e circulação artística pode intervir em práticas de luta e transformação por suas proposições de experiências estéticas, entre ficções e realidades, pelas possíveis organizações das espacialidades, coreografias pessoais e coletivas, por seus poderes de afetação, conscientização, “repadronização” (FERNANDES, 2018) e ressemantização, pelas discursividades do corpo enquanto experiência e dramaturgia.

É preciso perceber para agir. Agir para perceber. Diante de quaisquer outras manifestações de intolerância, destruição e manipulação negativa contra nossas *corporeidades*, desde ideias a pesquisas, ensaios, produções, ações, gestos, roteiros, textos, vozes, dramaturgias [...]. Essas dramaturgias, como obras

<sup>10</sup> É preciso considerar os limites e definições sobre humanidade, se revisarmos como, por quê e por quem consideramos quem é e tem direitos materializados no movimento de ser humano, não deixando de lado a possibilidade de ampliar os direitos também ao que “não é humano”.

expostas, são impactantes como movimentos somáticos, com toda sua especificidade já mencionada. Reiterando que, esse poder está implícito em qualquer movimento como experiência da vida, não apenas numa determinada técnica ou metodologia somática.

Ciane Fernandes (2018) propõe que, a transformação do corpo pela prática somática esteja vinculada à integração, uma proposta conectada à ideia de coletividade, sem dualidades entre *eu* e *outre*. Ao comentar sobre seus processos de criação por associações e sentidos a partir dos afetos e apoio do coletivo, Fernandes apresenta questões sociopolíticas importantes engajadas na proposta somática para pensarmos inclusive a *práxis* cênica em processos artísticos:

É um exercício de integração com o outro, não só exercício dos níveis de consciência entre fazer e observar, **ações próprias da somática**, mas de seguir os próprios impulsos num contexto em que todos estão fazendo o mesmo. Diferente da ênfase capitalista pós-industrial numa liberdade individualista sem envolvimento emocional, o processo somático performativo associa impulso pessoal à criação de vínculos afetivos. Portanto, desenvolve-se a noção de grupo autêntico, coletividade sensível, balanceando suas próprias necessidades dentro do todo (FERNANDES, 2018, p. 153; grifo nosso).

A proposta somática de Fernandes<sup>11</sup> (2018) discute a integração corporal total, que se complementa à questão da coletividade e o papel do corpo no campo social-político – que podemos associar ao conceito de corpo-campo-coletivo que tratamos anteriormente – alcançada pelas suas relações, conexões e repadronizações. Ciane Fernandes (2018) também comenta sobre o pensamento decolonial que se dá pela experiência de troca, conexão e relação do corpo interno e externo, consigo e com o mundo.

Associada à somática, a descolonização não é apenas uma teoria ou uma metáfora, mas sim atitudes reais embasadas na tomada de poder do corpo em movimento criativo a partir de suas pulsões, atravessando e transformando níveis de construção entre matéria e energia, reconquistando e expandindo territórios de pertencimento dos somas (FERNANDES, 2018, p.146-147).

O poder de afetação do corpo performático e somático será capaz de exercer a política de um modo perturbador de si-mundo, “tremendo seus contornos”, abandonando padrões reativos individualistas, porém construtivos, sendo

<sup>11</sup> Em sua proposta denominada Abordagem Somático-Performativa, Ciane Fernandes entrelaça criação interartística fundamentada na corporeidade e reflexão teórica transdisciplinar, associando Estudos da Performance, Ecoformance, Movimento Autêntico e vários outros campos práticos do corpo, elaborando então a Dança Cristal como proposta acadêmica e poética, analítica e criativa (FERNANDES, 2019).

revolucionário enquanto ser conectado ao coletivo e criador de mundos e sentidos, vivenciando "marcas" como apresenta Suely Rolnik adiante:

Pois bem, no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros (como disse, não só humanos), unidades separáveis e independentes; mas no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. **Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos.** Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e **nos coloca a exigência de criarmos** um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros. Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes **estados inéditos que se produzem em nosso corpo**, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir (ROLNIK, 1993, p. 2, grifo nosso).

Suely Rolnik (1993) nos apresenta nas palavras citadas acima que aprendizados e transformações acontecem a cada nova composição, a partir de sensibilidades que criam marcas, que geram abertura/disponibilidade em nós à transformação dos sentidos, e assim tratamos da possibilidade de transformação política; a cada novo corpo que se é, nas experiências que são transformadoras a todo instante, em cada movimento, seja nos movimentos das técnicas e estudos do corpo, seja na experiência cotidiana que nos constitui. Como no espiralar da Dança Cristal de Ciane Fernandes, entre padrões e repadronizações do corpo: "As relações harmônicas e dinâmicas entre contrastes marcam nosso desenvolvimento em todos os níveis, em conexão com o meio em padrões de crescimento espiralado" (FERNANDES, 2018, p.147).

Sendo a percepção uma afetação - disparada pela sensorialidade do corpo, por meio dos canais sensoriais que ativam nossa compreensão de mundo - desperta nossa consciência crítica, tanto ou mais do que pelas vias discursivas. A dança se dá como uma ferramenta de pensamento, principalmente sobre o contexto político e histórico no qual o corpo que dança irá intervir (BORGES, 2019). Pelo movimento, ao *perceber as percepções* - ações próprias da abordagem somática - de si no mundo, tateamos nossas identidades, condicionamentos, hábitos e mecanismos de conduta ao sofrimento e à violência a si e a outxs, numa atitude

reveladora e consciente desviante da ideia de *indivíduo individualista*, deixando-se abalar, numa boa *dança da destruição* para revitalização do direito à vida para todos.

### Considerações finais

A partir do processo de desenvolvimento de uma escuta sensível e ativa e de um refinamento perceptivo da aprendizagem do saber-sentir, acessamos o campo de atuação do nível individual para o coletivo e tateamos possibilidades de dismantelar opressões e restituir saques de nós mesmas.

Reconhecemos a somática como campo de ação micropolítica sem, no entanto, considerá-la como salvadora do mundo e única solução para os problemas. É importante aceitar/perceber suas problemáticas e limites.

Desejamos mais pesquisas que proponham reverberações deste corpo-campo-intensivo que se desenvolve em consciência de si em relação e conexão com o mundo por ações políticas e sensíveis de corpe, que valorizem a potência da ação do estudo do movimento no campo social e político e que se reveja em origens e intenções a partir desse campo, constantemente.

Acreditamos que as ações enquanto educadoras do movimento e artistas da cena se dão em atuar na materialidade de corpe e com isso mobilizar a vida na imensidão criativa e na abertura do sensível e potente do corpo-campo-coletivo, no poder de agir tanto de criação das artes, quanto das clínicas, e da educação do movimento.

Ainda é preciso democratizar o conhecimento prático-somático e pensá-los a partir do nosso contexto geopolítico; considerar sua potência política, multiplicando suas experiências sensíveis de buscas cristalinas.

Este corpe que atravessa e dita seu espaço de habitação entra em contato com os processos de *marcas*, deixando sangrar os espaços de crescimento da consciência, consciência de ser político - que sempre se é.

Ao encarar os discursos de corpe embasados numa *semiotização alienante dos sentidos*, fundamentalistas e fascistas, os fundamentos da prática somática se contrapõem aos agentes reacionários por ressemantizar os sentidos, criando novos mundos, espaços de mudança e de conexão em corpo-campo-coletivo. Talvez consigamos adiar fins de mundo, como propõe Krenak (2019).

Atentamos para a urgência de questionarmos que ideais e ideias estão por trás, por dentro, por fora, por todas as moléculas e ondas deste corpo-espço, intenso em cuidado e revolução-ação. Faz-se necessário questionar como lidamos com as origens, as corporeidades, os lugares e identidades da História nas atuações das práticas somáticas e expandir o entendimento “para quem” e “por quem” se pensa e cuida do soma, se alinhando a modos de vida em coletividade e alteridade.

Por lutas e lutos, revoltas e materializações de impulsos e pensabilidades revolucionárias, é possível a transformação social pela orientação e organização dos nossos afetos, aprendidos pela educação do movimento? Que práticas temos seguido e para que corpes temos pensado? Corpe violentade? Excluíde? Invisibilizade? Fetichizade? Em luto? Em luta? Como lidamos com as diversidades e identidades de quem se cuida? Seria o problema do ensimesmamento das práticas de si ao fomentar um marcador de privilégios? Um problema do neoliberalismo? O cuidado somático propõe e pensa para quem tem problemas relativos e condicionados às suas identidades e privilégios? Conseguimos mesmo resgatar as autonomias de todes corpes? Esse texto não pretende responder essas perguntas, é um convite a nos autoquestionar.

Caroline Lopes Ozório  
UFRJ

contato@carolineozorio.com

Graduanda em Teoria da Dança (UFRJ) e Educação Física (UFJF), Mestranda em Dança (PPGDan/UFRJ). Integrante no Coletivo Cosmogônico (RJ). Desenvolve o método de educação corporal “Corpo Vivo”. Investiga espiritualidade do corpo, preparação cênica e práticas de cuidado e saúde. Orientação por André Meyer e co-orientação de Ligia Tourinho.

Tatiana de Britto Pontes Rodrigues Pará  
UFRJ

tatipara.art@gmail.com

Artista-bailarina, pesquisadora e educadora somática especializada nos métodos Gyrotonic® e Gyrokinesis®. Mestranda em Dança (PPGDan/UFRJ), Especialista em Terapia Através do Movimento (Faculdade Angel Vianna) e Graduada em Psicologia (UNAMA). Investiga o diálogo entre a Educação Somática e a preparação do corpo cênico em Dança. Orientadora: Jacyan Castilho de Oliveira.

**Referências:**

- ALMEIDA, Bruno Prates; ALBERTINI, Paulo. **A noção de couraça na obra de Wilhelm Reich**: publicações de 1920 a 1933. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 134-143, Ago, 2014.
- ANZINO, Violet Baudelaire. O poder das coisas: corpa, falocentrismo, transgeneridade e arqueologia. **Revista Discente de Arqueologia**, Rio Grande, RS, v.1 n.1, jul.-dez. 2020.
- BORGES, Hélia. Agenciamentos sutis do corpo performático. In: BORGES, Hélia. **Sopros da pele, murmúrio do mundo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019, p. 29-39.
- DELEUZE, Gilles. & GUATARRI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Joana M. Varela e Manuel M. Carrilho. Assírio & Alvim: Lisboa, Portugal, 1972.
- FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. SP: Elefante, 2017.
- FERNANDES, Ciane. **Dança cristal**: da arte do Movimento à Abordagem Somático-Performativa. Coleção Pesquisa em Artes. Salvador: EDUFBA, 2018.
- FORTIN, Sylvie. Repères pour une approche écosomatique de l'éducation somatique. In: BARDET, Marie; CLAVEL, Joanne e GINOT, Isabelle (Org.). **Écosomatiques**. Penser l'écologie depuis le geste. Montpellier: Deuxième époque, 2018, p. 155-168.
- GREEN, Jill. Social Somatic Theory: Moving to a macro level. **Anais do III Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos**. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, Unicamp. Campinas, 2018.
- GREEN, Jill. Movendo-se para dentro, para fora, através e além das tensões entre experiência e construção social na teoria somática. Tradução de Diego Pizarro e Maria Albertina Silva Grebler. **Repertório**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, v.32, p.21-43, 2019.
- GUATTARI, Félix. Políticas. In: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HANNA, Thomas. The Field of Somatics. **Somatics**: Magazine-Journal of the Bodily Arts and Sciences, v. I, n. 1, p. 30-34, Autumn, 1976.
- HUSQUINET, Héloïse. **"Du corps intime au corps social"**: pratiques somatiques et pensée critique. Dialogue avec Sylvie Fortin. Collectif contre les violences familiales et l'exclusion. Montréal, 2018.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RESENDE, Catarina; CAETANO, Patrícia e TORRALBA, Ruth. Política do Sensível: práticas somáticas e corpo-campo-coletivo. **Vazantes** vol.2 n.02. Sensorialidades, Sensualidades, Corporeidades. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018.
- ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2016.
- ROLNIK, Suely. **Pensamento, corpo e devir**: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93, publicada no *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993